



FRANCISCO DA SILVA CASTRO

1815 - 1899

Silvestre Savino Neto

Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

Francisco da Silva Castro nasceu em Belém no dia 21 de abril de 1815, filho do cidadão português José da Silva Castro, natural de Pedrogão, no Porto, negociante da praça de Lisboa e capitão de milícias que, com a ocupação de Portugal pelos exércitos de Napoleão em 1808, se estabeleceu em Belém com uma casa comercial de grande vulto, onde recebia em consignação todos os navios e embarcações que vinham da Europa, e de D. Bibiana Luiza Ardasse da Silva Castro, natural do Pará.

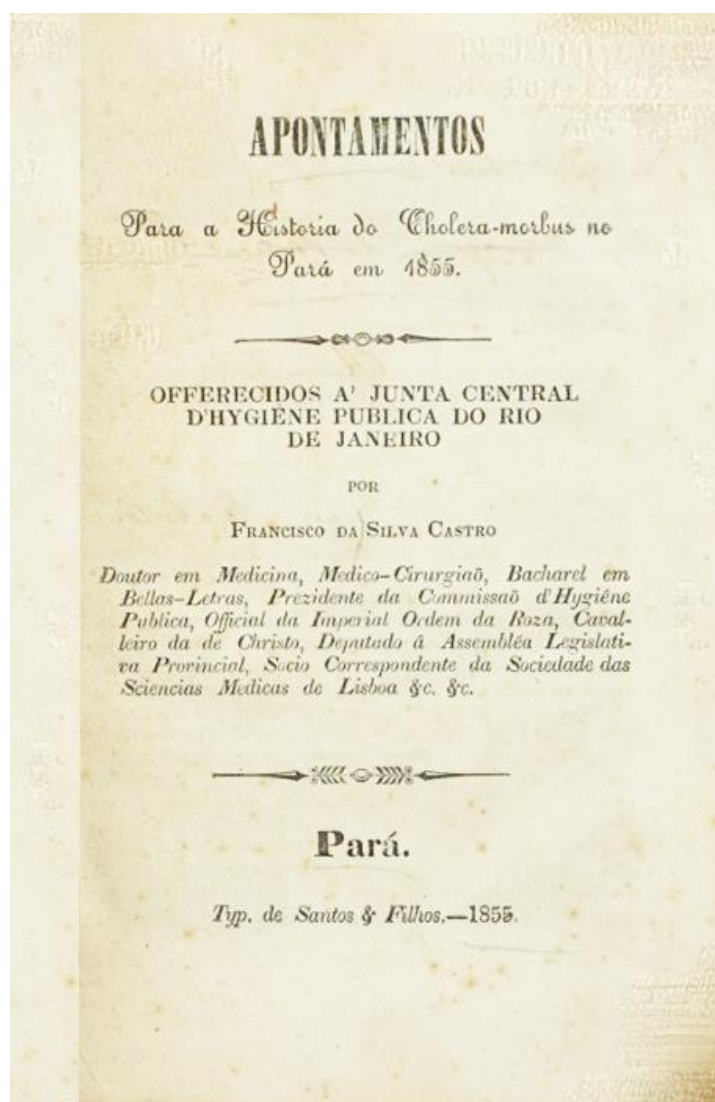
Casou-se com Joana Antunes Balbi da Silva Castro, filha do italiano João Batista Balbi, que migrou para Belém em 1819, sendo um dos que lutaram na Revolução de 14 de abril de 1823 em favor da adesão do Pará à Independência do Brasil. Do enlace nasceram 12 filhos, acrescidos de mais 42 netos e 46 bisnetos.

Concluiu seus estudos primários em Belém e, com 9 anos seguiu para Portugal e matriculou-se no Colégio das Artes em Coimbra, tendo feito curso de humanidades, mudando-se depois para Lisboa, onde cursou a Escola Médico-Cirúrgica, completando-a com prêmios em todos os anos devido ao seu grande talento. Em 1837 formou-se em Medicina e seguiu para a prestigiosa Universidade de Louvain, na Bélgica, para no mesmo ano obter o grau de Doutor em Medicina com a tese "Ferida dos intestinos e seu tratamento, com um novo processo de enterorragia nas feridas circulares", recebendo a *cum magna laude*, distinção de muito destaque que jamais havia sido conferida a um estrangeiro. Assim

informa um seu biógrafo na revista "Evolução", editada em Belém em março de 1918, à página 5.

Em 1938 retornou ao Pará, onde encontrou espaço propício para desenvolver seus estudos médicos e pesquisas em Zoologia, Botânica, Farmacologia e assuntos relacionados à Arqueologia e à Etnologia da Amazônia.

Destacou-se, porém, nos serviços prestados à população na fase mais grave das epidemias que assolaram os paraenses entre os anos de 1850 e 1855. A primeira, de febre amarela e a segunda, mais fatídica, do cólera morbo, publicando o livro *“Apontamentos para a Historia do Cholera-morbus no Pará em 1855; Offerecidos á Junta Central d’Hygiene Publica do Rio de Janeiro”*. Pará: Santos & Filhos, 1855.



Fac-simile da folha de rosto do livro publicado por Silva Castro sobre a epidemia do cólera no Pará em 1855. 112 páginas.

Em ambas epidemias recusou receber qualquer remuneração de particulares ou do Governo e, pelos extraordinários serviços prestados foi agraciado pelo Imperador Pedro II com o Hábito de Cavaleiro da Ordem de Cristo, então rara distinção. Logo após, foi-lhe conferida pelo Imperador a Comenda da Imperial Ordem da Rosa, acompanhada de notável carta autografada, em agradecimento pelos serviços prestados.

Pelos auxílios médicos aos portugueses de Belém durante aquelas epidemias, foi agraciado pelo Rei de Portugal com as Comendas da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Antiga Nobilíssima e Esclarecida Ordem de Santiago do Mérito Científico e Literário. Esta última, pelos serviços prestados à Ciência e às Letras.

Ainda em reconhecimento aos relevantes serviços prestados aos pobres e indigentes, sem distinção de nacionalidade, o Papa Pio IX conferiu-lhe, na mesma época, a Cruz de Cavaleiro da Ordem de S. Gregório Magno, com bênção papal, então a única concedida no Norte do Brasil. Pelo mesmo motivo, a rainha D. Izabel II da Espanha agraciou-o com a Cruz da 2ª Classe da Ordem Civil de Beneficência.

Dr. Francisco da Silva Castro exerceu intensa atividade profissional durante 50 anos consecutivos. Bem cedo, foi vereador na antiga Câmara Municipal em duas eleições sucessivas (1839-1846). Foi Deputado Provincial em várias legislaturas, Presidente da Assembleia Provincial por duas vezes e Inspetor da Instrução Primária em um quadriênio. Participou de várias Comissões Especiais, ora pelo Governo Imperial, ora pelo Provincial ou Municipal, com finalidades médicas, científicas ou literárias, bem como para exposições de indústrias, história e geografia do Brasil e também de etnologia. Foi Presidente da Comissão de Higiene da Província durante a epidemia de Cólera e também provedor da Santa Casa do Pará.

Os conhecimentos científicos e sua capacidade de observação levaram-no a dedicar-se a estudos científicos, médicos, de história natural e de antropologia. Desde o início da década de 1860 deu grande importância aos primeiros achados de cerâmica indígena, oriundos do Marajó e do Rio Maracá, no Amapá. Deve ter sido ele o primeiro entre nós a dar valor científico a esse importante material e foi através do Dr. Castro que Domingos Ferreira Penna começou a ter contato mais direto com a Arqueologia Amazônica, antes de quaisquer outros naturalistas.

Na fase da criação da Associação Filomática e do Museu Paraense, foi ele um dos principais incentivadores junto a Ferreira Penna, além de ter colaborado ativamente com ofertas de peças de história natural e indígenas. Com a instalação do Museu, em março de 1871, novamente colocou-se à disposição, além de ter efetuado doações de peças arqueológicas e etnológicas. É descrita a oferta de uma famosa urna de feições humanas, intacta, contendo ossos indígenas, encontrada no Rio Maracá, hoje no Estado do Amapá. Essa urna foi estudada por Ferreira Penna e por Charles Hartt, que publicou um trabalho no *American Naturalist*, volume 6, 1872.



Dr. Francisco da Silva Castro

Fonte: CUNHA, 1989, p. 48.

Dr. Silva Castro foi por muito tempo coadjuvante do Museu Nacional do Rio de Janeiro, função apenas honorífica, sem remuneração. Sua contribuição foi importante, não apenas nas ofertas, como em várias informações científicas.

Durante anos manteve intensa correspondência com a Real Academia de Ciências de Estocolmo, na Suécia, e com o Museu da Universidade de Christiânia (hoje Oslo), na Noruega. Essas relações de caráter científico começaram em setembro de 1864, através do Cônsul Axerblon no Rio de Janeiro, que cuidava dos negócios dos dois países nórdicos no Brasil. O principal contato era com o Dr. Magnus, então Presidente da Real Academia de Ciências. Suas relações estendiam-se, também, à Sociedade Médica da Suécia, da qual foi eleito Membro Honorário.

A partir de 1865 começou a enviar, periodicamente, para aquelas instituições suecas e norueguesas grande quantidade de material arqueológico, etnológico, botânico, zoológico e mineralógico. Parte desse acervo é ainda conservada naqueles museus.

Um catálogo sobre arqueologia e etnologia foi publicado por Aare Mörner, do Museu Etnográfico de Estocolmo (*Catalogue of the Silva Castro Collection*, Revista do Museu Paulista, nova série, v. 11, p. 133-176, 1959), esclarecendo datas, origem e significado, todos fornecidos pelo próprio Dr. Silva Castro. Neste, o autor enumera 380 peças diversas de numerosas tribos da Amazônia e uma estatueta de argila dos antigos índios Tapajós. Pela cooperação científica às instituições suecas e por suas memórias científicas, recebeu a insígnia de Cavaleiro da Ordem da Estrela Polar e a Medalha Berzelius de Prata da Real Academia de Ciências. O Rei da Noruega também condecorou-o com a Comenda da Ordem de Santo Olavo, em atenção aos valiosos presentes etnográficos remetidos ao Museu de Christânia (Oslo).

Dr. Silva Castro foi ainda membro da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro e da Sociedade Velosiana também do Rio de Janeiro, e das Sociedades de Ciências Médicas de Lisboa e Farmacêutica Lusitana de Portugal.

Eis alguns outros trabalhos científicos de sua autoria, de importância para a Medicina e a História Natural, além do já citado sobre a história do cólera morbo no Pará em 1855:

Em 1857: Roteiro Corographico da Viagem que se costuma fazer da cidade de Belém do Gram Pará para a Villa Bela de Mato Grosso ... seguida das practicas e teoricas indagações que nos rios e povoações interiores fez o sargento-mor João Vasco Manoel de Braum. Para, 22 p. (Reproduzido na *Rev. Inst. Hist. Geograph. Brasil*. 23: 439278,1860).

1860: Enumeração dos vegetais indigenas do Brazil, empregados em medicina e mais usados, contendo a sua sinonimia ou nomes vulgares e scientificos, classificação, partes empregadas, formulas, virtudes, preparações terapeuticas, etc. In: BEIRÃO, C. M. da S. *Compendio de materia medica*. Lisboa.

1865: Memorias sobre o Japfun (pássaro que habita todo o Brasil e as Guianas, conhecido ao norte do Imperio pelo nome de "checheo") [informe de artigo publicado em *Anais da Academia de Ciências de Estocolmo*, de referência bibliográfica não obtida].

1865: Nota sobre a droga "Uirary" ou Curare. Trabalho apresentado à Academia de Ciências de Stockholm. (Reproduzido na *Gazeta Medica da Bahia*, 2: 172-184, 1868).

1865: Pertence o osso fossil... Jornal *Diario do Gram Para*, 15 de abril (Trata de um fóssil encontrado próximo à foz do Rio Piriá, no litoral do Pará).

1868: Observações sobre o vegetal Paricary e suas aplicações terapeuticas. *Gazeta Medica da Bahia*, 2: 332-372. (Reproduzido na *Gazette médicale de Paris*, 24, 1869).

Sobre o uso do Paricary, um fato pitoresco aconteceria em 1856, onde um curandeiro chamado Antonio Francisco Pereira da Costa, em Santarém, gozava de muito prestígio oferecendo a cura da lepra, fazendo com que o governo imperial lhe desse uma pensão mensal de 100 mil réis, além de sustentar um lazareto que ele mantinha próximo de sua casa. Uma comissão de médicos, composta pelos Drs. Francisco da Silva Castro, Camilo José do Valle Guimarães e Américo Marques Santa Rosa foi averiguar os fatos e elaborou um relatório que concluiu pela ineficácia do remédio à base da planta, fazendo o governo suspender a dotação orçamentária para o curandeiro.

Colaborou, também, com inúmeras informações técnicas e históricas no célebre livro do Cônego Bernardino de Souza, intitulado "Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas", publicado em Belém pela Tipografia do Futuro, em 1873. Livro raro, repleto de informes sobre esta região e que bem poucas pessoas conhecem. Por essa razão foi em 1988 reeditado em fac-símile pela Associação Comercial do Amazonas – Fundo Editorial.

Dr. Francisco da Silva Castro foi um dos mais ilustres Paraenses do século XIX. Médico, cientista e político de grande cultura e benemérito, dedicou sua longa vida a realizar grandes serviços ao Pará. Faleceu no dia 15 de junho de 1899, com 84 anos de idade. Atualmente ainda vivem em Belém seus descendentes, como os familiares do Dr. Lopo Alvarez de Castro, político, empresário e ex-Prefeito desta capital.

Para eternizar sua memória, foi premiado com o nome de rua "Silva Castro" em Copacabana no Rio de Janeiro, e em Belém, no bairro do Guamá, referida como a principal rua no quesito eventos e manifestações culturais.

Saiba mais sobre Francisco da Silva Castro em:

BELTRÃO, J. F. The curative art of specialists in folk medicine in times of cholera: 19th century Grão-Pará. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 6, (suplemento), p. 833-866, set. 2000.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. *Talento e atitude: Estudos Biográficos do Museu Emílio Goeldi*, I. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989. p. 48-53.

MEIRA, Clóvis Olyntho de Bastos. *Médicos de outrora no Pará*. Belém: Grafisa, 1986. p. 9.

MIRANDA, Aristóteles Guilliod. A Medicina no Estado do Pará, Brasil: Dos primórdios à Faculdade de Medicina. *Rev. Pan-Amaz. Saúde*, v. 1, n. 3, set. 2010. In: <http://dx.doi.org/10.5123/S2176-62232010000300002> (Acesso em 14/11/2022).

Notícia do falecimento do Dr. Francisco da Silva Castro. *Folha do Norte*, Belém, 16 jun. 1899.

PERGAMINELLIS, Marcelo Lopes. O Acervo de Obras Raras da Biblioteca Arthur Vianna: O processo de digitalização. Belém: 2018. In: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/book-author/francisco-da-silva-castro/> (Acesso em 14/11/2022).

TRAÇOS bibliographicos do Dr. Francisco da Silva Castro. *Revista "A Evolução"*, Belém: 5-6, 1918.

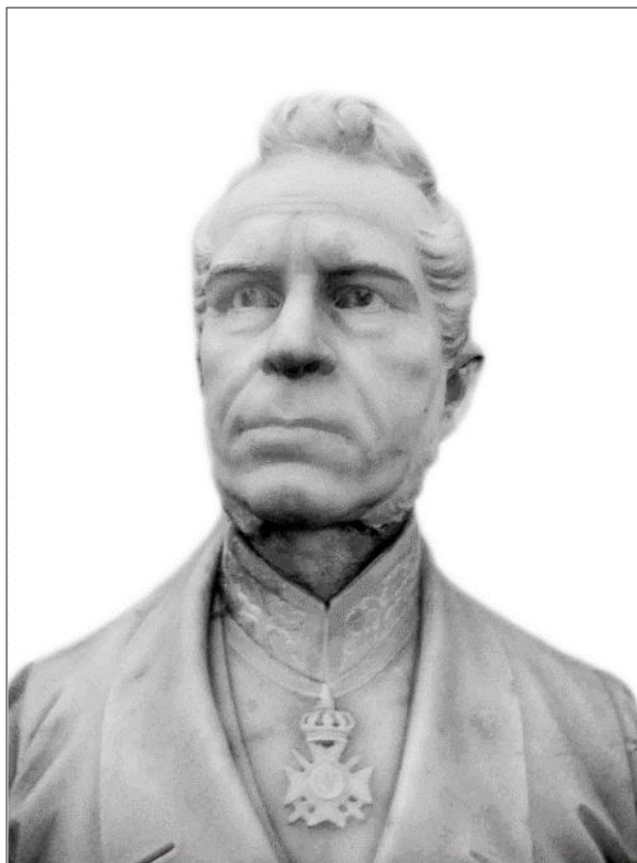


Notas da Editoração

Com a fundação da Academia de Medicina do Pará em 1987, Francisco da Silva Castro foi lembrado para Patrono de uma das Cadeiras de nosso sílogeu, a de número 19, cujo primeiro ocupante foi o acadêmico Oswaldo Luiz Forte.

Com o falecimento deste, em agosto de 2017, foi ele substituído em outubro de 2022 pelo acadêmico Silvestre Savino Neto, autor deste esboço biográfico sobre o Patrono da Cadeira.





Busto em mármore do acervo do Museu da Santa Casa de Misericórdia do Pará

Francisco da Silva Castro



Patrono da Cadeira nº 19

